

Têrça-feira, 18 de Junho de 1957

RUBEM BRAGA

## PAI PORTUGUÊS

18-6-57

**A** GORA que o general Craveiro está viajando e não nos pode ouvir, eu vou ser franco: se eu fôsse o prefeito Negrão de Lima hesitaria duas vézes antes de sancionar a lei que autoriza o executivo a entrar com 5 milhões para o fundo criado pela «Associação de Pais Portugueses» para levantar no Rio um monumento ao pai português. Em primeiro lugar, é claro, porque a Prefeitura é pobre e 5 milhões é dinheiro. Em segundo lugar porque tenho medo desse monumento, ou melhor, da figura que vão colocar nêle. Quem será o escultor e que pai êle apresentará: de bigodes ou sem, de colete ou sem, em que idade e atitude? Morro de medo. Penso também no que não escreverão os gaiatos na base do monumento. Na inveja do pai brasileiro, que nunca teve monumento algum. E depois, como homenagear o pai e esquecer a mãe? Mãe, está visto, não obrigatoriamente portuguesa: mãe, em muitos casos, negra ou mulata. Ser mãe é mais penoso e duro que ser pai; ela, afinal, é que tem a criança com as dôres previstas na Bíblia, que a amamenta e cuida, que lhe dedica a vida no regime de «full-time».

Que se faça um monumento ao imigrante português, está certo. Êle é, quase sempre, quem cumpre as mais duras e penosas tarefas de nossa vida urbana. Vi em Caxias, no Rio Grande do Sul, um monumento ao imigrante — que ali é quase sempre italiano. Não sei se há outros monumentos a imigrantes, mas certamente não há nenhum especial para o imigrante português — e êste devia haver no Rio. Nem precisaria a Prefeitura dar dinheiro para isso: imigrantes e filhos de imigrantes enriquecidos pagariam tudo gostosamente.

Êsse negócio de honrar o pai e esquecer a mãe é que não me parece muito católico.